

Brasileiros de amanhã

» EDSON BEU

Jornalista, mestre em história (UnB), especialista em história cultural de Brasília

"S i todos os brasileiros focem dignos de honra e honestidade, teríamos um Brasil bem melhor!" A frase é uma daquelas descobertas sob as lajes do edifício da Câmara dos Deputados. Estava adormecida na escuridão daquilo que os engenheiros chamam de "caixão perdido" — não poderia haver metáfora mais apropriada para a situação. Ressuscita ao acaso pelas mãos rudes de outro operário no momento em que o noticiário do país é pautado por sucessivos escândalos de corrupção. Portanto, embora gravada há mais de meio século, apresenta-se aos dias de hoje atualíssima e também comovente aos corações daqueles que ajudaram a construir a nova capital da República.

O que teria levado os operários a gravarem aquelas mensagens em paredes subterrâneas nos idos de 1959, tal qual as pinturas rupestres de nossos antepassados? A frase que abre este artigo expressa completa desilusão com os que dirigiam o país até aquela época. E outras duas guardam algo muito em comum. Uma: "Que os homens de amanhã que aqui vierem tenham compaixão dos nossos filhos e que a lei se cumpra". A outra: "Só temos uma esperança — nos brasileiros de amanhã". Ambas foram escritas em 22 de abril de 1959, data em que se comemora o descobrimento do Brasil. Para aqueles trabalhadores, Brasília era sinônimo de redenção. Talvez, por isso, tenham interrompido as tarefas por breves instantes naquela dia para renovar sua profissão de fé no amanhã, especialmente nos futuros ocupantes

daquele edifício, epicentro de um sonho ou de uma utopia.

Desde que os primeiros brasileiros pisaram o solo do Planalto Central, atendendo ao chamado do presidente Juscelino Kubitschek, Brasília foi associada à imagem de cunho mitológico e messiânico, relata Luiz Sérgio Duarte da Silva em *A construção de Brasília: modernidade e periferia* (UFG, 1997). Não custa lembrar que muito antes de o arquiteto Lucio Costa traçar o grande sinal da cruz no coração do país, a cidade foi revelada pelo frei salesiano dom João Bosco por meio de sonho: "Quando escavarem as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a terra prometida, onde correrá leite e mel".

Terra prometida, paraíso, eldorado. A transferência da capital para o interior alteraria não apenas o mapa geopolítico, mas também o das "regiões de promessas" do país, antes concentradas em São Paulo e nos cafezais do Paraná. Nosso sociólogo maior, Gilberto Freyre, em *Brasis, Brasil, Brasília* (Record, 1968), afirma que Brasília representava "o que de mais grandiosamente messiânico" o futuro poderia anunciar à população naquela época, sob a forma de cidade. Segundo o autor, o país, leia-se o povo, empenhara-se de "corpo e alma" com a causa da nova capital.

Brasília estava inserida na chamada Era de Ouro, período compreendido entre as décadas de 1950 e 1960, caracterizado pelo clima de euforia que tomou conta dos países do Primeiro Mundo, onde o capitalismo rendia generosos dividendos sociais, fazendo com que o sonho de consumo se transformasse

em uma extasiante realidade. Embora Eric Hobsbawm, em sua notável obra *Era dos extremos* (Companhia das Letras, 1997), ressalve tratar-se de um fenômeno ligado essencialmente às nações desenvolvidas, admite que, por motivos diversos, boa parte da economia mundial fora também favorecida por um surto de progresso naquela mesma época. Aqueles bons ventos sopravam no Brasil de JK, oxigenado pela implantação de indústrias de base e bens duráveis e a geração de dezenas de milhares de emprego e novos negócios advindos da construção.

Sob a fadiga das "viradas", turno em que o operário, literalmente, virava o dia e a noite sem dormir, José Silva Guerra e seus companheiros de andaime não perdiam a esperança. Talvez olhassem o arcabouço do edifício como uma espécie de templo no qual as suas mensagens, silenciosas como prece, poderiam ser um dia ouvidas pelos futuros inquilinos da onipotente obra.

Aqueles homens, muitos deles oriundos do flagelo da seca nordestina, decididos como os sertanejos de Euclides da Cunha, foram os "operários do milagre", segundo palavras do próprio fundador da capital. Não fizeram fortuna, mas hoje batem no peito orgulhosos, porque a sua vitória foi forjada em cima de outros pilares. Um dos bens mais valiosos inventariados por eles é o de ter propiciado aos filhos a oportunidade de estudar — direito que a vida lhes negara — e vê-los com um diploma de curso superior na mão. Educados pelo suor da dignidade, eis aí os "brasileiros de amanhã" anunciados pelo anônimo frasista.